Livre d'Isaac: análise de um manuscrito medieval francês

Teresa Cristina Alves de Melo
Doutoranda na UFMG

Introdução

Isaac nasceu em Beit Qatraye (no atual Catar) e foi ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Beit'Abe (no atual Iraque), cargo ao qual renunciou cinco meses depois para viver como anacoreta na Montanha de Matout (no atual Irã). Posteriormente, aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e escreveu suas obras no Mosteiro de Rabban Shabur (também no atual Irã). Morreu cego e em idade avançada, tendo sido enterrado no próprio Mosteiro de Rabban Shabur. Seus textos teriam sido escritos por volta do ano 688. Isaac de Nínive teria falecido em torno do ano 700.[1]

O *Livro de Isaac,* tratado ascético elaborado por Isaac de Nínive em fins do século VII, escrito originalmente em siríaco, teve grande circulação na Idade Média. Sua difusão na Europa se deu devido a diversas traduções. De acordo com o levantamento feito por Cambraia, é possível identificar traduções para as seguintes línguas: árabe, amárico, georgiano, eslavônico, russo, moldavo, japonês, latim, grego, alemão, inglês, espanhol, catalão, francês, italiano e português. A tradução para o latim teria sido feita a partir do grego, possivelmente entre os séculos XIII e XIV, por Angelo Clareno. Uma vez traduzido para o latim, o *Livro de Isaac* foi objeto de tradução para várias línguas românicas.

No que diz respeito à língua francesa, existe uma tradução feita do árabe por Paul Sbath, numa edição de 1934 intitulada *Tratés religieux, philosophique...* e uma coletânea de excertos publicados por Jean Gouillard em 1953 (*Petite philocalie de la prière du coeur*). Além de uma tradução, feita por Hotman de Velliers, de alguns excertos da obra de Isaac, cuja fonte utilizada para a tradução não é informada. Uma tradução da edição grega de Theotokis foi publicada em 1981, com tradução para

[1] As informações, aqui apresentadas, sobre Isaac de Nínive foram retiradas essencialmente de Cambraia (2000a).

o francês feita por Jacques Touraille. Há uma tradução para o francês feita do latim presente no códice *lat. 14891* da Bibliotèque Nationale de Paris, cuja edição e glossário são o objetivo de nossa tese.

Essa tradução do *Livro de Isaac*, feita do latim, presente no códice *lat. 14891* da Bibliotèque Nationale de Paris, é o único manuscrito conhecido em língua francesa. As edições da obra de Isaac existentes em francês são traduções feitas da língua árabe ou grega, outras não constam a fonte utilizada para traduzir. Não se conhece uma tradução ou edição que tenha sido feita com base neste texto da Bibliotèque Nationale de Paris. Um trabalho de tal natureza traria um contributo para o estudo do tratado de Isaac de Nínive, pois possibilitaria o confronto de diversas traduções em línguas românicas. Nossa pesquisa propõe uma edição paleográfica do texto, seguida de um glossário, que facilite o acesso de um maior número possível de pessoas à obra de Isaac de Nínive.

Análise Paleográfica - Aspecto Gráfico

1 - Obra: *Livre d'Isaac*

2 - Autor: Isaac de Nínive

3 - Datação: Possivelmente século XIV.

4 - Fonte documental: Paris, Bibliotèque Nationale, *Códice 14891***.**

5 - Análise paleográfica:

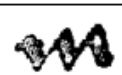
5.1 Tipo de letra: Gótica minúscula (Steffens, 1910).

Segundo Steffens (1910: xx), o Século XIII marca o apogeu da escrita gótica, embora algumas tendências já apareçam desde o Século XI. Galende (1999:43) considera como Período Gótico, aquele entre o Século XII e XV, com duração até o Século XVII em alguns países. Durante o apogeu da escrita gótica, as letras eram bonitas e bem formadas, as formas pontudas não eram exageradas e as letras não eram muito cerradas entre si. O número de abreviaturas era moderado, com sinais bastante claros.

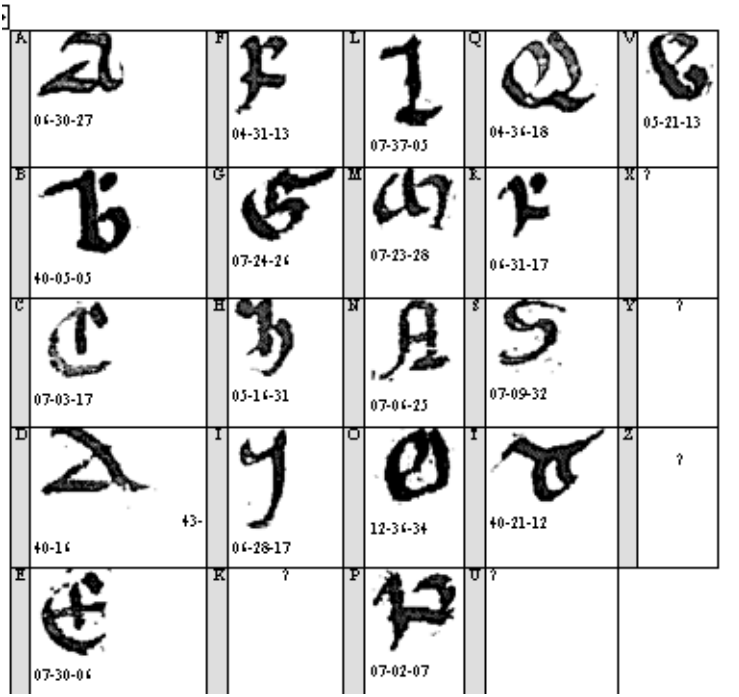
No decorrer dos Séculos XIV e XV as letras se tornam mais pontudas e mais cerradas, a escrita se torna negligenciada e irregular, dificultando a distinção de algumas letras (*c, e* e *t; v* e *u; b* e *v*). As letras se tornam mais inclinadas e as abreviaturas mais numerosas e com sinais menos claros.

5.2. Alfabetos

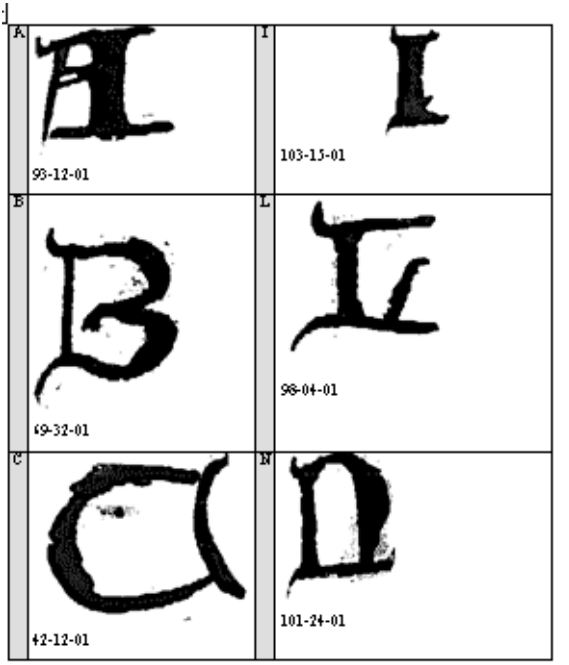
5.2.1 Alfabeto Minúsculo (número da página, da linha e ordem de ocorrência)

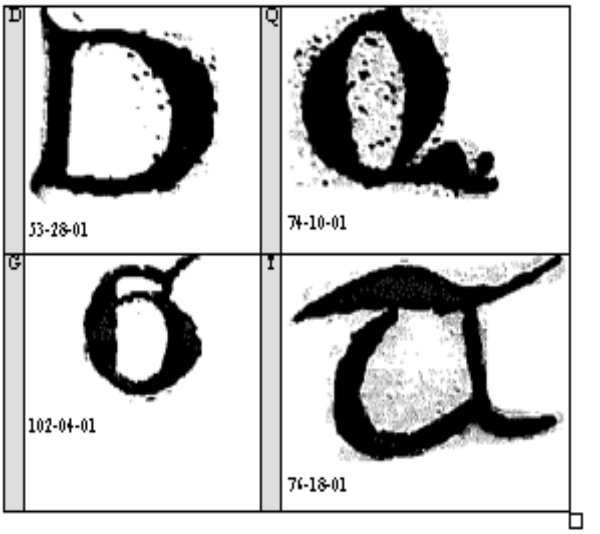
a	07-01-29	f	06-15-19	l	06-01-22	q	06-38-01	v	06-05-19
b	07-19-11	g	06-39-05	m	 06-13-10	r	07-01-26	x	07-15-36
c	07-10-22	h	06-35-32	n	06-13-12	s	06-38-10/07-01-21	y	06-36-01
d	07-17-11	i	07-16-33	o	07-02-10	t	07-01-18/07-01-24	z	?
e	07-07-20	k	?	p	07-01-04	u	07-01-03		

5.2.2 Alfabeto Maiúsculo (número da página, da linha e ordem de ocorrência):



5.2.3 Alfabeto das capitulares (número da página, da linha e ordem de ocorrência):





5.3. Morfologia

Sistema tetralinear nas minúsculas e trilinear nas maiúsculas;

Letras com haste <b,d,f,h,l>, e com cauda <g,p,q>, dois tipos de <s> (longo em posição inicial e medial e curto em posição final) e <t> (o segundo tipo aparece sempre antecedido por <s>);

Há apenas um caso de nexo: <de> (0l-05-30/31)

De acordo com Steffens (1910: xxii), a minúscula gótica é caracterizada por numerosas ligaduras, o que comprovamos em nosso texto. Existem inúmeras ligaduras no *Livre d'Isaac*: <Et> (02-04-07/08), <fa> (02-15-02/03), <fe> (2-10-03/04), <fi> (03-23-18/19), <fo> (05-08-13/14), <fu> (05-08-06/07), <fl> (01-04-07/08), <fr> (02-08-01/02), <ga> (04-36-12/13), <ge> (03-05-26/27), <gi> (05-22-26/27), <go> (07-07-31/32), <gu> (05-14-11/12), <gl> (03-09-03/04), <gn> (05-30-10/11), <gr> (04-36-01/02), <ta> (05-05-14/15), <te> (03-03-26/27), <ti> (03-03-18/19), <to> (03-05-07/08), <tu> (03-31-01/02), <tr> (03-27-01/02), <st> (03-01-05/06).

5.4. Peso

Há a predominância de traços grossos de forma geral.

Traços diagonais para a esquerda são geralmente finos e para a direita, geralmente grossos (cf. <a,m, n>).

5.5. Ângulo

Os traços verticais apresentam pouca ou nenhuma inclinação.

Os traços grossos alinham-se paralelamente a um eixo diagonal (cf. <a, c, d, g, o, q, s>).

5.6. Módulo (provisório, com base na lâmina)

As minúsculas que se encontram dentro da pauta apresentam altura média de 2 mm (o,u); enquanto as que ultrapassam medem 4 mm (q) ou 5 mm (p,l,s longo).

Quanto à largura, ela pode ser de 1mm (i, l), 2 mm (e, o), 3 mm (a, n) ou 4 mm (m).

As maiúsculas apresentam altura média de 5 mm (E) e largura que pode variar de 4 mm (L) à 6 mm (Q).

As capitulares apresentam módulo bem maior do que as maiúsculas, podendo chegar à 10 mm.

5.7. Relação maiúscula / minúscula

Segundo Steffens (1910: xxii), na escrita gótica, as letras maiúsculas se encontram mais freqüentemente do que nas escritas precedentes. São encontradas no início de frase e nomes próprios, mas também para assinalar palavras importantes e, muitas vezes, sem nenhuma regra. Nos Séculos XIV e XV as maiúsculas podem ser usadas para todo tipo de palavra.

No *Livre d'Isaac* as letras aparecem com módulo de minúscula e maiúscula. As maiúsculas nem sempre estão em posição inicial ou depois de ponto, podendo ocorrer minúsculas depois de ponto ou maiúsculas no meio de frase. As capitulares são maiúsculas que se diferenciam das maiúsculas não capitulares, o que pode ser indício de um outro punho. As letras que seguem as capitulares são geralmente maiúsculas, mesmo em posição medial na palavra.

5.8. Abreviaturas:

Ainda segundo Steffens (1910: xxii), Os sinais de abreviaturas no Século XIII e no começo do Século XIV são mais cuidados e claros, mais tarde, ao contrário, são freqüentemente negligenciados e, portanto, difíceis de decifrar.

Existem inúmeras abreviaturas no texto. Encontramos aquelas que se caracterizam por *sinal geral*, ou seja, composta por um traço sobreposto que apenas indica tratar-se de abreviatura, sem assinalar quantas e quais letras foram suprimidas. Dentre as abreviaturas por *sinal geral*, temos casos de *suspensão* (no caso a *sigla*), com apenas a primeira letra da palavra: <qui>, <que>, e também a *contração* (supressão de uma seqüência no interior da palavra): <men>. Verifica-se também abreviatura por *letra sobreposta*, constituída da sobreposição de uma letra que faz parte da seqüência suprimida: <par>. Temos ainda abreviatura por *sinal*

especial, com *significado relativo*, ou seja, mesmo sinal abreviativo pode se referir a diferentes seqüências: <par>, <per> e <por>. Dentre aquelas por *sinal especial*, encontramos também abreviaturas com *significado próprio ou absoluto*, que se referem sempre à mesma seqüência: <et> e <le> (Cambraia, 2004:118-119).

a) < nasal (n,m)> sobre uma vogal

b) <men>

c) <con> ou <com>

d) <et>

e) <le>

f) <par>, <per> ou < pro>

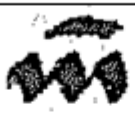
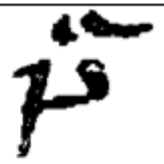
g) <que>

h) <qui>

i) <ver>

j) <otr>

k) <par>

a) <on> (52-05-06)29		f) <pro> (01-13-13)	
b) <men> (01-14-20)		g) <que> (01-12-21)	
c) <con> (01-13-10)		h) <qui> (53-04-09)	
d) <et> (01-14-29)?		i) <ver> (52-17-34)	
e) <le> (01-09-09)?		j) otr (16-17-13)	
		k) par (52-40-25)	

5.9. Diacríticos

São sinais que conferiam valores específicos aos caracteres alfabéticos. Modernamente compreendem sinais gráficos como *cedilha*, *til, acento agudo e grave, ponto, trema* e *acento circunflexo* (Cambraia, 2004, p. 121).

Há ocorrência, no texto, da plica no <i> (01-05-26).

Um ponto é colocado acima da letra <y> (06-36-01).

5.10. Numeração

Há ocorrência de numeração arábica e romana no texto.

As páginas são numeradas no canto superior direito por algarismos arábicos.

Há ocorrência de algarismos romanos no corpo do texto, com função de enumeração.

5.11. Separação vocabular

A separação vocabular na escrita gótica é, em geral, feita de maneira regular, há, entretanto, alguns manuscritos nos quais as preposições e outras pequenas palavras são unidas às palavras seguintes (Steffens, 1910: xxii).

Constatamos que, no *Livre d'Isaac*, a separação vocabular intralinear é essencialmente morfológica, podendo ocorrer a união do artigo (01-24-23/24/25 <alame>) e/ou da preposição (24-13-24/25 <anotre>) com a palavra seguinte, correspondendo a um *vocábulo fonológico* (Cambraia, 2004: 120).

Na separação vocabular translinear pode ocorrer o desrespeito à fronteira do vocábulo morfológico ou à fronteira silábica. (36-30 <tr.... ouble>).

5.12. Pontuação

Na escrita gótica, encontramos como pontuação, um ponto para grandes pausas (seguido de letra maiúscula) e um ponto e um traço oblíquo, ou apenas o traço, para a pequena pausa (Steffens, 1910:xxii).

No *Livro d'Isaac* há ocorrências desses sinais de pontuação: o ponto em posição média pode ocorrer entre palavras ou no fim de linha (01-04-24), nem sempre seguido de letra maiúscula (43-18-15). Ocorre o ponto precedido de um traço oblíquo (12-01-30/31) podendo ser seguido ou não de letra maiúscula. O traço pode ocorrer sozinho (01-06-21). Ainda não foi analisada a questão *grande* ou *pequena pausa*.

5.13. Particularidades

O carimbo da Bibliothèque Nationale de France aparece na primeira e na última página do texto.

5.14. Punhos

Não definimos por hora o número de punhos do texto, pois as capitulares são bastante diferentes das maiúsculas normais, o que pode acusar a existência de um segundo punho, coisa bastante natural em se tratando de capitulares. Salvo as capitulares, podemos afirmar que o restante do texto pertence a um mesmo punho.

Referências

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac: edição e glossário* (cód. ALC.461). São Paulo: FFLCH-USP, 2000a. (Tese de doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac: estudo das relações entre as versões medievais portuguesas.*Évora, 2000b. (Comunicação apresentada no Congresso Internacional 500 anos de língua Portuguesa no Brasil, realizado na Universidade de Évora, em Évora, no período de 8 a 13 de maio de 2000).

CAMBRAIA, C. N. *Edição e estudo Lingüístico das Traduções em Línguas Ibero-românicas do tratado Ascético Medieval "Livro de Isaac": Tradição Portuguesa.* Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas- UFMG,2000c. (Projeto de Pesquisa).

CAMBRAIA, C. N. *A doutrina de Isaac de Nínive na Idade Média portuguesa.* Belo Horizonte, 2001. (Comunicação apresentada no IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, realizado na PUC Minas, em BH, no período de 04 a 06 de julho de 2001).

CAMBRAIA, C. N. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas: breve notícias das tradições portuguesa, espanhola e catalã.In: RAVETTI, G. &ARBEX, M. (org.). *Perfomance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais.*Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas/Faculdade de Letras/UFMG-Pós-lit, 2002.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à Crítica textual.*São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GALENDE, J. C. Ciclos escriturários. *In:* TERRERO, Ángel Riesco. (Ed.) *Introducción a la paleografía y la diplomática general*. Madrid: Sintesis, 1999. p. 49-71.

SÁNCHEZ, A. B. El nascimiento de la escritura latina: la escritura en el mundo romano. *In:* TERRERO, Ángel Riesco. (Ed.) *Introducción a la paleografía y la diplomática general*. Madrid: Sintesis, 1999. p. 49-71.

STEFFENS, Franz. *Paléographie latine*. Trèves: Paris, 1910.